



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
CAMPUS DO SERTÃO - DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA FERNANDA ALVES DA SILVA

***PUTA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA LINGUAGEM MACHISTA NA MÚSICA
“TODXS PUTXS”, DA CANTORA EKENA***

**DELMIRO GOUVEIA – AL
2024**

MARIA FERNANDA ALVES DA SILVA

***PUTA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA LINGUAGEM MACHISTA NA MÚSICA
“TODXS PUTXS”, DA CANTORA EKENA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras como requisito para obtenção de diploma da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus do Sertão*.

Orientadora: Prof. Dr. Fabia Pereira da Silva (Fulni-ô).

**DELMIRO GOUVEIA – AL
2024**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586p Silva, Maria Fernanda Alves da
Putá: uma análise semântica da linguagem machista na música
“todxs putxs”, da cantora Ekena / Maria Fernanda Alves da Silva.
- 2024.
35 f. : il.

Orientação: Fábica Pereira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de
Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Semântica. 2. Análise semântica. 3. Machismo. 4. Putá.
5. Linguagem. 6. Música. 7. Ekena – Cantora. I. Silva, Fábica
Pereira da, orient. II. Título.

CDU: 81'371


FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Fernanda Alves Da Silva

PUTA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA LINGUAGEM MACHISTA NA MÚSICA “TODXS PUTXS”, DA CANTORA EKENA


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovado em 24 de outubro de 2024.


Documento assinado digitalmente
 **FABIA PEREIRA DA SILVA**
Data: 22/11/2024 13:32:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO FERREIRA DA SILVA**
Data: 22/11/2024 14:43:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva
Universidade Federal de Alagoas –
UFAL

Documento assinado digitalmente
 **MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA**
Data: 22/11/2024 13:51:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Helena Menezes de Souza
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Dedico este trabalho à memória do meu amigo Adrean Teixeira, que nos deixou antes de podermos finalizar juntos o curso. Sua amizade e alegria marcaram profundamente a minha trajetória e sua ausência é sentida a cada passo.

Este trabalho é uma homenagem ao seu sonho e à sua determinação. Que a lembrança da sua alegria e força me guie sempre. Você estará sempre em meu coração, e essa conquista é também sua.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, cuja presença iluminou meu caminho, trazendo forças e sabedoria em cada desafio superado. Sem Sua luz, cada etapa desta jornada teria sido um desafio ainda maior.

Aos meus amigos, deixo minha mais profunda gratidão. Vocês foram mais do que companhia, foram sustentação, alegria e refúgio nos momentos mais intensos desta trajetória. Thyara Ravelly, Maria Daiane, Viviane Vasconcelos e Kaio Victor, é um privilégio compartilhar essa caminhada com vocês. Cada riso e palavra de apoio tornaram tudo mais leve e cheio de significado. Amo vocês por tudo.

Por fim, à minha família, que sempre acreditou em mim e me envolveu com seu amor incondicional, meu eterno reconhecimento. Obrigada por cada palavra de encorajamento, por cada gesto de carinho e pela presença constante ao meu lado, mesmo nas horas mais difíceis.

Este trabalho é, verdadeiramente, o reflexo de todos vocês!

**Me levanto
Sobre o sacrificio
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além. – legado
Rupi Kaur**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar, por meio da análise Semântica, a evolução semântica da palavra *puta*, bem como seus usos. Entendemos que no campo de estudos da linguagem, compreender como certos usos linguísticos normalizados na sociedade são significados e significam é fundamental. Por isso este trabalho investiga o uso da palavra *puta*, termo frequentemente aplicado ao gênero feminino com conotações pejorativas e sexistas. A inquietação sobre o que significa ser chamada de *puta* na sociedade atual motivou a pesquisa, que busca responder questões sobre a origem e as implicações desse uso linguístico. Ancorado em pesquisas semânticas, o estudo explora a complexidade da palavra *puta* através de uma análise crítica e reflexiva, tendo como base a música “Todxs Putxs” da cantora Ekena. A pesquisa visa analisar falas machistas e refletir sobre as múltiplas facetas semânticas do termo, que variam conforme o contexto. O estudo tem como suporte teórico: Cançado (2008), Santos, Pires e Santos (2020), Basso e Souza (2020) e outros e outras estudiosos/as que abarcam os estudos dessa temática. A análise semântica da palavra *puta* considera suas diversas conotações culturais e sociais ao longo do tempo e seu impacto social. A análise reconhece que a palavra pode ser ofensiva e pejorativa, especialmente para mulheres, mas também pode ter significados afetivos em certos contextos. A abordagem crítica pretende estimular a reflexão sobre o poder da linguagem na formação de valores e identidades sociais e promover um uso consciente e respeitoso da linguagem em relação às mulheres. A metodologia inclui uma exploração bibliográfica da literatura acadêmica, estudo de gênero e dicionários, utilizando métodos da semântica para examinar as mudanças de significados ao longo do tempo. Este trabalho contribui significativamente para a compreensão da palavra *puta* em sua complexidade semântica e seu impacto cultural e social. A partir das análises realizadas, compreendemos que a linguagem não é apenas um meio de comunicação; é também um instrumento de poder que pode reforçar ou desafiar normas sociais e preconceitos enraizados. Ao analisar como palavras pejorativas são usadas para controlar e julgar comportamentos, especialmente os das mulheres, observou-se claramente o impacto negativo que isso pode acarretar. Termos como *puta* são frequentemente empregados para descrever mulheres que não se conformam com as expectativas patriarcais de comportamento.

Palavras-chave: Análise Semântica; puta; linguagem.

ABSTRACT

The present work aims to explore, through Semantic Analysis, the semantic evolution of the word *puta*, as well as its various uses. We understand that in the field of language studies, grasping how certain linguistic usages normalized in society are both signified and signify is fundamental. This study, therefore, investigates the use of the word *puta*, a term frequently applied to the feminine gender with pejorative and sexist connotations. The inquiry into what it means to be called *puta* in today's society motivated the research, which seeks to address questions surrounding the origins and implications of this linguistic usage. Anchored in semantic research, the study delves into the complexity of the word *puta* through a critical and reflective analysis, based on the song "Todxs Putxs" by singer Ekena. This research aims to analyze sexist discourse and reflect on the multiple semantic facets of the term, which vary depending on context. The theoretical support for this study includes Cançado (2008), Santos, Pires, and Santos (2020), Basso and Souza (2020), among others, who engage in studies surrounding this topic. The semantic analysis of the word *puta* considers its various cultural and social connotations over time and its social impact. The analysis acknowledges that the word can be offensive and pejorative, especially toward women, but it can also carry affectionate meanings in certain contexts. This critical approach seeks to encourage reflection on the power of language in shaping social values and identities and to promote a conscious and respectful use of language concerning women. The methodology includes a bibliographic exploration of academic literature, gender studies, and dictionaries, using methods from semantics to examine shifts in meaning over time. This work makes a significant contribution to understanding the word *puta* in its semantic complexity and its cultural and social impact. From the analyses conducted, we understand that language is not merely a means of communication; it is also a tool of power that can reinforce or challenge ingrained social norms and prejudices. By examining how pejorative words are used to control and judge behaviors, especially those of women, the study clearly highlights the negative impact this usage can have. Terms like *puta* are often employed to describe women who do not conform to patriarchal expectations of behavior.

Keywords: Semantic Analysis; *puta*; language.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OS ESTUDOS SEMÂNTICOS: PERCURSO HISTÓRICO	12
3	A PALAVRA <i>PUTA</i> E SUAS ATRIBUIÇÕES DE SIGNIFICADOS	16
4	A ANÁLISE DA PALAVRA <i>PUTA</i> NA MÚSICA “TODXS PUTXS”	23
	4.1 Entendendo o sentido de <i>puta</i> enquanto (prostituta) profissão: breve histórico.....	23
	4.2 O que é então ser <i>puta</i> nessa sociedade?	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

No campo dos estudos da linguagem, compreender como certos usos linguísticos, já normalizados na sociedade, significam e são significados é fundamental para o entendimento das mudanças e avanços linguísticos. Este é o caso do uso da palavra *puta*, termo amplamente difundido em referência ao gênero feminino e geralmente empregado com tom pejorativo e sexista. Diante disso, o presente trabalho busca investigar o que significa ser designada como *puta* na sociedade contemporânea e examinar a origem e as implicações desse uso linguístico, explorando o papel desse termo na perpetuação de valores sociais e na construção de identidades de gênero.

Este estudo, ancorado em pesquisas semânticas, explora o uso da palavra em sua complexidade, adotando uma abordagem crítica e reflexiva sobre o termo *puta*. A análise tem como base a música “Todxs Putxs”, da cantora Ekena, que denuncia discursos machistas presentes no cotidiano de muitas mulheres. Em paralelo, o estudo reflete sobre as diversas facetas semânticas da palavra, considerando que, dependendo do contexto de uso, *puta* pode até funcionar como intensificador, adquirindo novos significados.

Para essa análise, adota-se a perspectiva de que as expressões linguísticas não se desvinculam do mundo externo. Segundo Cançado (2008, p. 20), “para alguns linguistas o significado é associado a uma noção de referência, ou seja, da ligação entre as expressões linguísticas e o mundo; para outros, o significado está associado a uma representação mental”. Embora algumas vertentes da Semântica busquem entender o significado das palavras com base em sua estrutura, sem considerar necessariamente o contexto de uso, esta pesquisa parte do entendimento de que é imprescindível associar a palavra a seu ambiente e contexto, sem desvinculá-la do mundo.

Reconhece-se o papel central da linguagem na construção das relações sociais, especialmente no que se refere à linguagem verbal/oral. Por essa razão, propõe-se uma análise aprofundada da palavra *puta*, compreendendo suas múltiplas conotações, seu significado cultural e o impacto social que exerce ainda hoje. Trabalhar com este tema exige lidar com questões polêmicas e romper certos

paradigmas, pois se trata de um termo que, embora muitas vezes censurado, carrega uma ampla variabilidade de usos e influência nas interações sociais.

A palavra *puta*, de acordo com o conhecimento popular, é uma expressão com significados diversos que variam conforme o contexto cultural, social e linguístico. Em uma análise semântica, observa-se que o termo pode ter conotações ofensivas, frequentemente dirigidas de maneira pejorativa a mulheres, distinção que não ocorre da mesma forma em referência a homens. No entanto, em certos contextos, o termo pode adquirir conotações afetuosas, dependendo do grupo social e da proximidade entre as pessoas envolvidas. Assim, a análise semântica da palavra *puta* considera o contexto cultural, social e histórico em que é utilizada.

Com base nessa perspectiva, este estudo explora a evolução semântica da palavra, analisando suas conotações ao longo do tempo e em diferentes comunidades, sobretudo nas redes sociais. Desse modo, o trabalho busca contribuir significativamente para a compreensão da palavra *puta* em sua complexidade semântica, oferecendo insights sobre sua evolução cultural e seu impacto social. A abordagem crítica adotada visa estimular a reflexão sobre o poder da linguagem na formação de valores e identidades sociais, promovendo um uso consciente e respeitoso da linguagem em relação às mulheres.

A metodologia adotada inclui uma revisão bibliográfica da literatura acadêmica, mediante a leitura de obras e documentos que tratam das contribuições da Semântica para a análise da palavra *puta*, além de estudos de gênero. Esta pesquisa aprofunda-se nas mudanças de significado e nas influências culturais do termo, baseando-se nos conceitos de polissemia, sinonímia, antonímia e ambiguidade. A estrutura da pesquisa se desenvolve em três capítulos: o primeiro discute as questões teóricas da Semântica e os conceitos essenciais para a análise, relacionando-os com os estudos de gênero; o segundo capítulo aborda o contexto histórico da palavra; e o terceiro realiza uma análise do corpus deste trabalho. A sustentação teórica é fornecida por Cançado (2008), Santos, Pires e Santos (2020), Basso e Souza (2020), entre outros pesquisadores que se dedicam ao estudo dessa temática.

2 OS ESTUDOS SEMÂNTICOS: PERCURSO HISTÓRICO

A Semântica é uma das áreas de estudos da Linguística que tem a finalidade de observar, descrever e analisar o significado de palavras e sentenças. Dentro desse campo do saber existem inúmeras vertentes de estudos que se apropriam de noções específicas para suas investigações teóricas. Muitas vezes há fronteiras bem delimitadas de uma perspectiva teórica para outra, isto é, o trabalho que segue uma determinada abordagem não se abre para o cruzamento com outras, todavia pode ocorrer a quebra desses limites a depender do estudo proposto pelo pesquisador.

Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre a reflexão em torno da palavra *puta*, propomo-nos a verificar seu(s) significado(s), utilizando noções e conceitos tanto da Semântica Lexical, quanto referencial e outras, juntamente com o contexto pragmático de uso da palavra. Desse modo, não nos prendemos a uma abordagem fechada em si, mas realizamos um estudo considerando outros aspectos da língua, que não se limitam à sua estrutura gramatical.

Mas antes de adentrarmos às noções e conceitos que serão utilizadas nesta pesquisa, precisamos compreender um pouco do processo histórico desse campo do saber conhecido como Semântica. Diante de muitas transformações nos estudos linguísticos, de acordo com Mejia (2012) os antigos gregos e latinos já realizavam observações voltadas ao significado. Contudo, “no século XIX surgiu a necessidade de criar, dentro da Linguística, uma área autônoma do significado, e é então a partir daí que emerge a semântica como uma divisão importante da Ciência da Linguagem” (Mejia, 2012, p.2).

Não se pode negar que a Semântica tal qual temos hoje possui heranças greco-romanas, uma vez que nessa época já eram realizadas reflexões em torno do significado. Além disso, Mejia (2012) pontua que ocorreram dois importantes acontecimentos que corroboraram para o surgimento desse campo do saber no século XIX, que foi o surgimento da filologia comparada e a influência do movimento romântico na literatura. Ambos os fatores demonstravam interesses em particular com as *palavras*.

Ainda de acordo com os estudos de Mejia (2012), a Semântica passou por algumas fases até chegar à contemporânea, pois hoje essa área observa para além das mudanças dos significados, há um interesse nas relações entre linguagem e

pensamento, todavia “não se considera a linguagem como mero instrumento de expressão dos nossos pensamentos, mas, sim, como uma influência especial que os molda e pré-determina, dirigindo-os para vias específicas” (Mejia, 2012, p.5).

Nesse sentido, a Semântica abarca consigo algumas correntes teóricas que investigam as palavras e as sentenças sobre determinados vieses e noções. Mas esta pesquisa não se restringe a um modelo específico: tomamos como base a semântica em seu âmbito geral e tecemos nossa análise. As principais noções que serão empregadas nesse estudo são: Polissemia, Sinonímia, Antonímia e Ambiguidade.

A partir de Cançado (2008), compreendemos que as palavras não são estáticas, não possuem apenas um significado, a depender do contexto de uso pode adquirir significados diversos, é preciso considerar fatores como quem está falando, onde se fala, entre outros aspectos. Além disso, analisar a sentença em que a palavra está empregada é crucial para entender o seu significado. Desse modo, entendemos que os significados das palavras nem sempre são óbvios como imaginamos.

Quando uma palavra possui mais de um significado ocorrem fenômenos semânticos como a ambiguidade e a vagueza que auxiliam na identificação do significado. De acordo com Cançado (2008, p.61), “para a ambiguidade, o contexto tem a função de selecionar quais dos possíveis sentidos será utilizado; para a vagueza, o contexto pode apenas acrescentar alguma especificidade que está contida na própria expressão.”

Ainda segundo a autora, a Polissemia é caracterizada como um dos fenômenos linguísticos que gera a ambiguidade, em particular a ambiguidade lexical. Ela pode ser definida sob diferentes abordagens, mas optamos por utilizar a abordagem referencial para conceituá-la nesse estudo. Para Cançado (2008, p. 63), a “polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si”. Pensando nisso, ao analisarmos os sentidos que a palavra *puta* pode abarcar, observamos também seu contexto de uso e as sentenças a qual se encontra. Por isso a escolha da música: nela, além de verificar a palavra em si, podemos vislumbrar os discursos que são remetidos no uso do léxico *puta*.

No que diz respeito à Sinonímia, podemos inferir, a partir de Cançado (2008), que se refere à identidade de significados, mas não só, e ocorre entre pares de palavras e expressões. Não é possível pensar em sinonímia de palavras fora do contexto em que essas são empregadas. Nesse sentido, as palavras ainda que consideradas sinônimas sempre sofrem um tipo de especialização de sentido ou de

uso. Algumas podem dar mais ênfase a alguma noção quando usadas por uma pessoa específica, por exemplo, um médico. Observemos o seguinte:

existe uma sinonímia baseada somente no significado conceitual da palavra, sem se levar em conta o estilo, as associações sociais ou dialetais, ou mesmo os registros. As palavras *gordo* e *obeso*, por exemplo, podem ser intercambiáveis em determinados contextos, porém, provavelmente, a segunda ocorrência será mais usada por um endocrinologista e a primeira tem uso corrente (Cançado 2008, p.42).

Compreendemos, então, que mesmo em palavras sinônimas, seu uso pode se especificar para determinados grupos de pessoas que tendem a usar uma forma e não outra, como na citação anterior, no uso das palavras *gordo* e *obeso*. A palavra *obeso* geralmente é utilizada em situações mais formais, quase que um “termo médico”, em contrapartida, a palavra *gordo*, a depender do contexto de uso pode soar com um tom pejorativo.

Diante disso, ainda em diálogo com Cançado (2008, p. 41) entendemos que “para duas expressões serem sinônimas não basta que tenham a mesma referência no mundo”, pois:

Além de terem a mesma referência, é necessário, também, que as expressões tenham o mesmo sentido. Mas o que significa ter o mesmo sentido? Assume-se que saber o sentido de uma sentença é ser capaz, em determinadas circunstâncias, de dizer se ela é verdadeira ou falsa. Duas sentenças que têm o mesmo sentido, quando se referem ao mesmo conjunto de fatos no mundo, têm de ser ambas verdadeiras, ou ambas falsas (Cançado 2008, p.42).

Portanto, duas expressões precisam ter o mesmo significado para serem consistentes. Isso significa que, ao se referirem aos mesmos fatos, ambas devem ser verdadeiras ou falsas.

Para Cançado (2008), a Antonímia pode ser definida como um estado de oposição entre os sentidos das palavras, mas essa noção não se limita apenas a isso. Existem alguns tipos de oposições que os sentidos das palavras podem sofrer, pois nem todas as oposições ocorrem da mesma forma. Desse modo, a autora cita três tipos de antônimos: binários, inversos e gradativos. O primeiro ocorre quando uma palavra é aplicada e a outra não pode ser aplicada, por exemplo, *morto/vivo*. O segundo caso ocorre “quando uma palavra descreve a relação entre suas coisas ou pessoas e uma palavra descreve essa mesma relação, mas em uma ordem inversa” (Cançado, 2008, p.46), por exemplo, *pai/filho*. E o terceiro ocorre quando duas

palavras “estão nos terminais opostos de uma escala contínua de valores; a negação de um termo não implica a afirmação de outro” (Cançado, 2008, p.46), por exemplo, *quente/frio*, pois não é porque algo está quente que seu oposto estará frio, nesse processo existe um meio termo em que esse “algo” pode estar morno e etc.

Assim, nos utilizaremos desses conceitos para realizar nossa análise semântica. Além disso, serão aplicadas neste estudo algumas reflexões que correlacionam a sociedade e a mulher com viés a problematizar o uso de uma linguagem machista.

Nessa direção, precisamos ter em mente que, num contexto geral, desde o início dos tempos, as mulheres sempre enfrentaram julgamentos nas sociedades. Desde questões de aparência e comportamento até habilidades profissionais e papéis familiares, as mulheres frequentemente lidam com um escrutínio mais intenso do que seus colegas masculinos. Simone de Beauvoir (1967) argumenta que a história da opressão feminina é marcada por uma construção social que define a mulher como "o outro", perpetuando normas que controlam e limitam suas ações e identidades. Esse julgamento pode levar a uma pressão significativa para se encaixar em normas pré-determinadas, causando estresse emocional e prejudicando a autoestima. Além disso, a desigualdade de gênero subjacente na sociedade muitas vezes resulta em tratamento discriminatório e oportunidades limitadas para as mulheres, ampliando ainda mais o impacto negativo desses julgamentos.

Isto está atrelado ao uso da língua no sentido de que as pessoas de gênero feminino sempre foram colocadas nesse lugar de adjetivação sexista. Basta olhar para a história das mulheres que podemos ter vislumbre disso. A língua(gem) é um dos mecanismos mais importantes para observação dos comportamentos sociais, pois é através dela que conceituamos o mundo, que vivemos e nos comunicamos.

Nesse sentido, é importante compreendermos que

Há diferenças nos modos como homens e mulheres são conceptualizados, referenciados e denominados em situações sociocomunicativas. Notoriamente, mulheres têm sido, ao longo da história, marginalizadas e retratadas de modo impróprio, ofensivo, rude, obsceno, agressivo ou imoral, embora tenha havido inúmeras conquistas femininas nas últimas décadas (Santos, Pires e Santos, 2020, p. 396).

Assim, a linguagem desempenha um papel crucial na perpetuação ou na desconstrução das disparidades de gênero e das representações inadequadas das

mulheres na sociedade. Ela é um dos maiores potencializadores desses fenômenos, pois molda a forma como pensamos, nos expressamos e nos relacionamos uns com os outros. Através da linguagem, são construídas e reforçadas narrativas, estereótipos e normas culturais que muitas vezes favorecem a desigualdade de gênero e contribuem para a marginalização das mulheres.

Expressões linguísticas que denotam inferioridade, submissão, objetificação ou estigmatização das mulheres são exemplos de como a linguagem pode ser utilizada de maneira prejudicial. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (1967) discute como a construção social do feminino tem sido historicamente utilizada para marginalizar e controlar as mulheres, reforçando normas que perpetuam a desigualdade. Além disso, o uso de termos pejorativos, estereótipos de gênero e linguagem sexista em contextos sociais, midiáticos e até mesmo acadêmicos influencia a percepção pública sobre as mulheres e reforça dinâmicas desiguais de poder.

No entanto, é importante ressaltar que a linguagem também pode ser uma ferramenta poderosa para promover a igualdade de gênero e a representação justa das mulheres. Ao utilizar uma linguagem inclusiva, não sexista e respeitosa, é possível contribuir para a desconstrução de estereótipos prejudiciais e para a promoção de uma cultura mais igualitária e respeitosa para todas as pessoas, independentemente do gênero. É por isso que este trabalho se faz importante para os estudos, não só linguísticos como também sociais, uma vez que olhamos para a semântica da palavra *puta* em seu contexto de uso, trazendo para a reflexão acepções históricas e relevantes.

3 A PALAVRA *PUTA* E SUAS ATRIBUIÇÕES DE SIGNIFICADOS

Putá, termo em análise nesta pesquisa, trata-se de uma unidade lexical pertencente ao léxico da Língua Portuguesa brasileira. Como fora destacado anteriormente, essa palavra pode expressar diferentes significados a depender do contexto social e linguístico em que é utilizada.

O significado lexical do vocábulo *puta*, de acordo com o Dicionário Online de Português (DOP) é definido como substantivo feminino [pejorativo] e significa “mulher que faz relações sexuais por dinheiro; prostituta” e “aquela que não tem pudor;

libertina ou despudora”. Enquanto adjetivo, a palavra pode ser designada como hipérbole, ou seja, algo grande, imenso ou enorme, por exemplo: um *puta* golaço. Além disso, o DOP apresenta *puta* como sinônimo de marafona, prostituta, rameira, meretriz, libertina e despudorada. Percebe-se que esse vocábulo possui uma vasta carga semântica, que podem ser vistas, grosso modo, como sinônimos.

Não é diferente com o Dicionário Priberam (dicionário online), o qual traz dois significados para o termo, o primeiro refere-se à mulher que se prostitui = MERETRIZ, PROSTITUTA, RAMEIRA e o segundo à mulher que tem relações sexuais com muitos homens. O mesmo funcionamento de sentidos ocorre também no Oxford Languages¹ no qual a definição para *puta* é prostituta (mulher que exerce a prostituição).

Nessa direção, compreendemos que o vocábulo em questão pode exercer funções gramáticas mistas, isto em termos de gramática normativa, a depender da situação. Concordamos com Basso e Souza (2020, p.529), quando afirmam que

O item lexical *puta*, no português brasileiro (PB) contemporâneo, é bastante versátil e desempenha uma série de funções, sendo usado como interjeição, adjetivo e intensificador. Como exemplos desses casos, respectivamente, considere as sentenças abaixo: (1) Puta!, que chato! (2) O João tá puto com o que o Pedro falou. (3) A Maria faz um puta bolo gostoso.

Ou seja, *puta* pode ser também um adjetivo intensificador que utilizamos em nossas falas usuais, trata-se de um mesmo item lexical, mas que se refere a distintas significações. Poderíamos afirmar cautelosamente que o termo aqui estudado na perspectiva semântica não é naturalmente polissêmico, mas que pode gerar ambiguidade se não for bem especificado na fala/escrita. Mas tiramos essa conclusão a partir do desdobramento seguinte:

Tabela 1 - PUTA²

¹ O dicionário de português do Google é proporcionado pela Oxford Languages.

A Oxford Languages é a maior editora mundial de dicionários, com uma experiência superior a 150 anos na concepção e realização de dicionários de referência em mais de 50 línguas.

² Os significados foram pesquisados em Dicionário Online de Português, Dicionário Priberam e Oxford Languages, dicionários que circulam nos meios digitais pelo fato da internet ser um dos principais meios de consultas dos últimos tempos.

Significados retirados dos dicionários	Significados dos Itens
Prostituta	Mulher que oferece serviços sexuais em troca de pagamento.
Libertina	Refere-se a uma mulher que vive de maneira livre e sem restrições morais.
Despudora	Que age de forma imprudente ou imoral, desrespeitando normas sociais de decência e respeito.
Rameira	Mulher que se dedica à prostituição. Mulher considerada promíscua ou de má reputação.
Marafona	Mulher desleixada ou de má reputação. Mulher vulgar ou promíscua.
Meretriz	Mulher que se prostitui, que oferece serviços sexuais em troca de pagamento. Prostituta.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Percebemos que *puta* carrega consigo uma vasta carga semântica que se desdobra em significados outros, mas que se aproximam entre si. Portanto, considerando, a partir de Cançado (2008), que a polissemia acontece quando os diferentes significados de uma palavra ambígua estão relacionados de alguma forma, há um efeito polissêmico em funcionamento quando se utiliza este item lexical. O que vai fazer o diferencial neste uso será a intenção do falante ao utilizar um termo e não outro. Como vimos em Cançado (2008), na relação de sinonímia cada acepção será utilizada de acordo com quem está falando, e o objetivo que o falante deseja expressar.

Desse modo, temos as variações que marcam o aumentativo, como em “putona”, o diminutivo “putinha”, “putíssima”, e também a variação masculina que será vista um pouco mais abaixo.

Para tal compreensão trago Orlandi (2012, p. 7) para refletirmos:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos.

Nesse sentido, para cada uso, há que se considerarem aspectos como entonação, expressividade, termo escolhido (se aumentativo, se diminutivo), uma vez que são esses os fatores que revelarão os sentidos da determinada fala.

Como vimos no quadro acima, todas as acepções levam basicamente ao sentido de que *Putá* é - prostituta – e esta exerce a prostituição, que se configura como o ato de trocar dinheiro por sexo, ou seja, trata-se da venda de um serviço. Por que então esse uso é referido a diferentes mulheres em contextos que não seguem esse padrão? Por que esse uso é utilizado como insulto em situações em que a mulher, muitas vezes, está apenas exercendo sua liberdade? Tentaremos retornar a esses questionamentos mais à frente.

Através de Cançado (2008), compreendemos que para ser sinônimo não basta se referir a mesma referência no mundo, é preciso que as expressões tenham o mesmo sentido, *cachorra* por exemplo, apesar de não estar presente no quadro elencado acima, no cotidiano apresenta também um sentido pejorativo à mulher. Trata-se de um animal, como pode então ser sinônimo de *puta*? Se analisarmos sobre o ponto de vista da intenção de quem fala a palavra pode tornar-se sinônimo, mas se a observação for apenas gramatical/semântica a situação não funcionara assim.

Por isso, nessa abordagem, na análise da letra da música verificaremos a palavra dentro das sentenças, considerando situações como a ambiguidade em que “o contexto tem a função de selecionar quais dos possíveis sentidos será utilizado” e vagueza em que “o contexto pode apenas acrescentar alguma especificidade que está contida na própria expressão” (Cançado, 2008, p.61). Vejamos nas seguintes sentenças abaixo:

(a) *Você é puta* / (b) *Você está puta*.

A ambiguidade da palavra encontra-se no fato de ela exercer função de intensificadora em (b) e de substantivo em (a). Todavia, ela pode se manifestar de diferentes formas se observarmos o contexto. Logo, a palavra pode se tornar ambígua se o contexto em que for dita não estiver bem delimitado.

No que se refere à antonímia, sabemos, por meio de Cançado (2008), que nem todas as oposições ocorrem da mesma forma, *puto*, por exemplo, não se opõe à *puta* da mesma maneira, embora em falas coloquiais possa haver essa analogia.

Ao realizar o mesmo exercício de pesquisa nos dicionários online Priberam e no Oxford Languages, percebemos uma diferença nos significados para a palavra

Puto. Enquanto que para o primeiro caracteriza esse vocábulo como substantivo masculino: homem libertino ou devasso, sacana, homem velhaco, dinheiro, tostão, vintém. No dicionário online Oxford languages tem-se o seguinte: Substantivo masculino dinheiro de ínfimo valor; tostão, centavo, vintém: "não vou comprar nada porque estou sem um p."

Tabela 2 - PUTO

Significados retirados dos dicionários	Significados dos Itens
Homem libertino ou devasso	É a pessoa desregrada em sua conduta, é aquele que tem comportamento devasso, licencioso, depravado.
Sacana	Indivíduo que masturba outro.
Homem velhaco	Enganador, falaz, fraudulento, traiçoeiro.
Dinheiro	Meio de pagamento, na forma de moedas ou cédulas, emitido e controlado pelo governo de cada país.
Tostão	Antiga moeda de níquel que, no Brasil, equivalia a cem réis.
Vintém	No Brasil, antiga moeda de prata fabricada nas casas de moeda da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.
Dinheiro de ínfimo valor	Pouco importante; de valor ou importância reduzida.
Centavo	Moeda divisionária que representa a centésima parte da unidade monetária de alguns países, como o Brasil.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Notamos, evidentemente, na verificação dessa segunda tabela, que há uma predominância de significados atrelados a *puto* que corresponde a dinheiro e afins.

Ou seja, a carga semântica que recai sobre *puta* destaca conotações sexuais/moralistas enquanto que para os homens há um misto de significados que não atacam exclusivamente sua índole. Nesse contexto, *puto* não se contrapõe à *puta* da mesma forma, enquanto um uso refere-se à índole da mulher, o outro se refere a outras atribuições, muito embora possa também atribuir significado pejorativo ao homem, a predominância não é mesma. Em alguns contextos e regiões, "puto" pode ser usado como uma gíria para se referir a um menino ou jovem, de maneira informal e muitas vezes afetuosa.

Tal debate sobre a forma de dicionarizar certos nomes já havia sido fomentado em Santos, Pires e Santos (2020) quando no ano de 2019 surgiu uma grande discussão em torno de como os significados de *Professor* e *Professora* eram diferentes no dicionário online do Google. Enquanto que para *professora* o primeiro sentido que surgia girava em torno de conotações sexuais, para *professor* os sentidos circundavam, de fato, a profissão em si.

Além disso, no sentido etimológico, podemos inferir, a partir de Veschi (2022), o seguinte:

(...) há uma associação intrínseca com o termo latino *pūtidus*, que engloba a ideia de 'podre', 'nojento' e 'decomposição', ligada ao verbo *pūtēre*, por 'podre' ou 'fétido', baseado no indo-europeu *pu-, por 'apodrecido', 'fedido'. Assim, *pūtidus* aparece em putrefação (nas formas latinas *putrefactio*, *putrefactiōnis*), ou *pus* (no latim *pus*).

Esta análise etimológica revela como as conotações negativas historicamente atribuídas às mulheres que não seguem as normas morais convencionais refletem uma visão profundamente enraizada na linguagem e na cultura. O uso de termos derivados de *pūtidus* e *pūtēre*, que carregam significados de 'podre', 'nojento' e 'fétido', para descrever comportamentos ou características consideradas desviantes, exemplifica como a sociedade tem historicamente utilizado a linguagem para marginalizar e estigmatizar certos grupos.

Essa associação linguística sugere que o julgamento moral e a repulsa não são apenas produtos de normas sociais contemporâneas, mas têm raízes profundas que remontam a conceitos de pureza e impureza enraizados nas línguas antigas. Quando uma mulher é rotulada com termos pejorativos por não seguir condutas morais estabelecidas, não é apenas uma questão de desvio de normas comportamentais,

mas também uma forma de desumanização que utiliza a linguagem para reforçar e perpetuar a exclusão e a desigualdade.

Ainda de acordo com Veschi (2022),

No âmbito dos insultos, a própria palavra é recorrente para desqualificar as aventuras românticas da mulher, diferentemente do que acontece com o homem, cuja figura entra em destaque por suas conquistas. Além disso, seu uso é estendido em relação a ações maliciosas.

Assim, compreendemos que as mulheres são desqualificadas e julgadas enquanto exercem sua liberdade sexual, sendo taxadas de *putas* enquanto para os homens ocorre muitas vezes o oposto; são frequentemente incentivados a exercer sua sexualidade. Atestamos essa afirmação a partir da intelectual Hooks (2020) quando afirma:

No fim dos anos 1960 e no início dos anos 1970, mulheres eram com frequência incentivadas a entender que liberdade sexual e promiscuidade sexual eram sinônimos. Naqueles dias, e até certo ponto ainda no presente, a maioria dos homens heterossexuais viu e vê uma mulher sexualmente livre como aquela que seria ou será sexual sem lhe causar muita confusão, ou seja, sem reivindicações, principalmente as de cunho emocional (Hooks, 2020, p.129).

Ao igualar liberdade sexual à promiscuidade, a sociedade não apenas deslegitima a autonomia feminina sobre seus próprios corpos, mas também perpetua uma visão utilitarista das mulheres como objetos de satisfação sexual sem necessidades emocionais ou direitos de reivindicação. Esta perspectiva ignora a complexidade das experiências femininas e reduz a mulher a um papel passivo, que serve aos desejos masculinos. A palavra “puta,” assim como outros insultos de gênero, é um mecanismo de repressão e desqualificação. Davis (2016) explica que “a linguagem se torna um poderoso instrumento de opressão quando desumaniza e marca a diferença como inferior” (Davis, 2016, p. 92). Nesse contexto, o uso da palavra “puta” não é apenas uma ofensa individual, mas um discurso que reflete e perpetua desigualdades estruturais e patriarcais.

4 A ANÁLISE DA PALAVRA PUTA NA MÚSICA “TODXS PUTXS”

4.1 Entendendo o sentido de *puta* enquanto (prostituta) profissão: breve histórico

De acordo com Afonso e Scopinho (2013), desde a Grécia e Roma Antiga a prostituição já era exercida. Os autores alegam que foi na Grécia que as mulheres passaram a ser “cafetinadas.” Nas mãos de ditadores as mulheres foram aos poucos perdendo direitos e passaram a ser submissas do pai ou do marido e tinham que seguir determinadas condutas perante a sociedade. Se elas não fossem esposas e seguissem qualquer conduta diferente do que lhes era empregado, eram consideradas prostitutas. Além disso, o Estado passou a administrar bordéis, uma vez que era uma fonte de lucros e colocavam mulheres na condição de escravas para trabalhar insalubrememente. Como bem destacam Afonso e Scopinho (2013, p. 3), “a prostituição não era considerada uma atividade ilícita ou estigmatizada, assim, o Estado lucrava com ela por meio dos impostos”.

Ainda segundo os referentes autores, as prostitutas eram consideradas como “um mal necessário”, já que satisfaziam os desejos de muitos homens na época. Porém, com o advento do cristianismo, a Igreja passou a assumir o papel de tentar “salvar” essas mulheres. Posteriormente, quem fizesse prática dessa profissão, até mesmo os clientes, em alguns países, passaram a sofrer penalidades, mas as penas eram mais duras para quem oferecia os serviços.

Afonso e Scopinho (2013) destacam ainda que no final do século XIX e início do século XX não havia mais lugar para a prostituta. A principal pauta era se regulamentariam ou se proibiam de fato, mas era algo que se estendia por diversos países, não tinha como haver uma solução unânime. O fato é que essa questão passou por várias oscilações ao longo do tempo, mas sempre esteve presente: o debate sempre esteve na pauta dos homens para decidirem se as mulheres poderiam ou não fazer esse tipo de prática sem sofrer penalidades severas.

Os discursos mudavam ao longo dos anos, como citam Afonso e Scopinho (2013), em épocas de guerra, por exemplo, as mulheres³ eram colocadas em bordéis para satisfazer os soldados que guerreavam. Por outro lado, haviam as feministas

³ Mulheres que viviam à margem da sociedade; escravas, sem bens e sem maridos.

butleristas que repudiavam essa profissão alegando ser oriunda da exploração sexual advinda das necessidades que muitas mulheres passavam devido ao sistema capitalista. “No contexto pós-revolução industrial, a crescente industrialização, o desemprego feminino e os baixos salários das mulheres empurraram muitas das mulheres da classe trabalhadora para a prostituição” (Afonso e Scopinho, 2013, p.4).

Diante disso, as autoras destacam que com o crescimento da classe trabalhadora e suas organizações em busca de direitos e mais liberdade fez com que a burguesia se sentisse ameaçada e como resposta “empurraram” seus ideais de moralidade à classe trabalhadora. Nesse sentido, a família enquanto núcleo patriarcal é que regia as ações sociais, fazendo com que, assim, não houvesse mais lugar para a prostituição intensificando sua repressão em âmbito internacional.

Percebe-se, dessa forma, a complexidade que o tratamento com a prostituição ao longo do tempo sofreu e sofre até os dias atuais, mas graças aos avanços dos direitos das mulheres e o direito ao protesto, Oliveira (2008) *apud* Afonso e Scopinho (2013, p.6) afirma:

No dia 02 de junho de 1975 houve um ato na França que foi considerado por alguns autores marco mundial na história da prostituição: 150 prostitutas ocuparam a igreja de Saint-Nyzier, em Lyon, protestando contra abusos policiais, como multas, prisões, e até mesmo assassinatos de suas colegas. Posteriormente, o dia 02 de junho foi declarado o “Dia Internacional da Prostituta”.

Ou seja, as mulheres estavam buscando garantir suas próprias escolhas e repudiar a conduta policial perante sua atividade profissional. Elas eram estigmatizadas na sociedade, sofriam penalidades e repressões e ainda não eram consideradas mulheres dignas; elas vendiam seus serviços e sofriam por isso, todavia, os “consumidores”, boa parte dos homens não eram penalizados ou estigmatizados por contratarem-nas ou frequentarem bordéis.

Por isso houve grande luta na busca da reivindicação de direitos e na legalização da prostituição como profissão e até certo ponto isso foi surtindo efeito. Afonso e Scopinho (2013) alegam que a forma como a prostituição era enxergada foi sofrendo alterações, por um lado era vista como dominação masculina e violência contra a mulher e por outro era baseado na lógica neoliberal na qual enxergava a mulher livre para fazer o que quisesse com o corpo seguindo uma lógica mercadológica

na qual a prostituição pode ser um trabalho como qualquer outro. Esse debate está longe de chegar ao fim.

No Brasil, segundo Afonso e Scopinho (2013), no século XIX mulheres negras escravizadas eram também prostituídas. Anos mais tarde, na década de 1930, o país teve seu auge com o aumento de mulheres estrangeiras no Rio de Janeiro. Ainda de acordo com os autores, no ano de 1987 houve grande reivindicação do reconhecimento legal da prostituição como profissão.

Ao observar o contexto histórico, percebe-se que o debate está longe de se chegar a uma conclusão una; tal assunto divide opiniões não só no Brasil como no mundo todo. Nos dias atuais, por exemplo, com o avanço dos meios digitais existem outras formas de vendagem da própria imagem em cunho sexual, por meio da divulgação de vídeos e fotos várias pessoas (e não só mulheres) estão ganhando dinheiro e vivendo disso.

Mas o fato é que o estigma que deriva desde a Grécia Antiga assombra o cotidiano da mulher até os dias atuais, a sociedade julga e observa a forma de vestir, justificando muitas vezes abusos sexuais por isso, o modo de falar, as escolhas e principalmente a liberdade sexual que a mulher conquistou no decorrer do tempo. Cotidianamente, mulheres são classificadas como santas ou “putas”, em tempos remotos essa divisão havia sido feita para que mulheres que praticassem tudo aquilo que fugisse das obrigações patriarcais estivessem à mercê das violências masculinas.

Mas diante de muita luta, alguns aspectos foram modificados, como “Na reatualização do Código Penal em 1988, através de pressões feministas, foi desfeita a divisão entre “mulheres honestas” e “mulheres perdidas”, que permitia que violências como o estupro, quando praticadas contra as “mulheres perdidas”, ficassem impunes” (Rago *apud* Afonso e Scopinho).

No Brasil, a prostituição, quando exercida de maneira independente, não é regulamentada como uma profissão com direitos trabalhistas, embora seja permitida por lei. O Código Penal Brasileiro aborda aspectos relacionados à exploração sexual, como a criminalização do lenocínio (Artigo 228), a manutenção de casas de prostituição (Artigo 229) e o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual (Artigo 231). A Constituição Federal garante direitos fundamentais, como dignidade e igualdade, a todos os cidadãos, incluindo os trabalhadores sexuais.

Desse modo, compreendemos que uma mulher que adere às condutas morais estabelecidas pela sociedade capitalista é considerada convencional e aceita socialmente. Em contrapartida, aquela que se desvia dessas normas é frequentemente rotulada com termos pejorativos como "puta" e suas variações. Essa classificação reflete uma visão machista e conservadora, que julga e pune comportamentos femininos fora dos padrões tradicionais, reforçando estereótipos e preconceitos. Ao rotular essas mulheres, a sociedade perpetua a desigualdade de gênero e limita a liberdade e a autonomia feminina, perpetuando violências diversas.

4.2 O que é então ser *puta* nessa sociedade?

Como sabemos, a linguagem machista tem suas raízes em tempos remotos e ainda hoje reforça estigmas e preconceitos contra mulheres, sejam cis ou trans. Esta linguagem não apenas coloca as mulheres em uma posição de desvantagem, mas também as limita e define de maneiras que são profundamente injustas e opressivas.

A palavra *puta*, por exemplo, é frequentemente usada para reduzir e desvalorizar as mulheres, colocando-as em uma "caixa" de menor valor. É como se cada um dos seus comportamentos e características fossem analisados e julgados, sempre prontos para serem rotulados com esse termo carregado de conotações negativas. Deste modo, ser *puta* está intrinsecamente ligado ao fato de que quando uma mulher adota certos comportamentos, é vista e rapidamente rotulada de *puta*, perpetuando uma visão redutora e opressora.

Um exemplo claro desse tipo de situação foi o caso da cantora Luísa Sonza que, após sua separação com o humorista Whinderson Nunes em 2020, passou a sofrer diversas ofensas por usuários de redes sociais na internet, principalmente no X (antigo *twitter*). A internet levantou a suposição de que o casamento havia acontecido por interesse por parte da Luísa, uma vez que o humorista já tinha grande conhecimento nacional e internacional e que o término do casamento ocorreu por uma suposta traição. Tudo isso foi tomado como verdade por muitos usuários que passaram a comentar em suas redes que a cantora seria *puta* e interesseira. O caso foi tão sério que a artista precisou passar um bom tempo longe das redes sociais para se restabelecer mentalmente.

Posteriormente, Luísa Sonza, em meados de 2021, lançou um álbum chamado “Doce 22”, com a música precursora “Intere\$\$eira”, cuja letra se inicia com as palavras que ela mais havia escutado após a separação com Whindersson: “*Putá, vagabunda, interesseira*”. Isso levanta a questão: ela é profissional do sexo? A resposta é não. O problema vai além disso, pois ela não segue as normas impostas por uma sociedade patriarcal. O caso de Luísa Sonza evidencia como as mulheres que se desviam das expectativas tradicionais são rapidamente estigmatizadas e atacadas, independentemente de suas ações reais e como isso afeta e prejudica a qualidade de vida.

Diante de tudo que foi exposto até aqui veremos a partir da letra da música “*Todxs putxs*”, da cantora Ekena, o funcionamento desse discurso machista materializado em falas cotidianas expressadas exclusivamente à mulher. A música foi postada no *YouTube* em 4 de abril de 2017, contando com mais de 1 milhão de visualizações.

A letra da música inicia-se com o canto das estrofes abaixo que apresentam uma crítica poderosa e direta às normas e expectativas impostas às mulheres pela sociedade patriarcal. Através de um tom de desafio e empoderamento, a letra confronta as atitudes controladoras e julgadoras que frequentemente são direcionadas às mulheres:

Quem cê tá pensando que é
 Pra falar que eu sou louca
 Que a minha paciência anda pouca pra você
 Para de vir me encher

Quem cê tá pensando que é?
 Pra falar da minha roupa
 Do jeito que eu corto o meu cabelo
 Se olha no espelho
 Você não anda valendo o esfolado do meu joelho esquerdo

Eu tenho pressa eu quero ir pra rua, quero ganhar a luta que eu travei
 Eu quero andar pelo mundo à fora vestida de brilho e flor

Mulher a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo e afrontar as leis
Que o homem criou pra dizer

Quem cê tá pensando que é pra falar pra eu não usar batom vermelho?
Quem cê tá pensando que é pra maldizer até os amigos que eu tenho?
Vá procurar tua turma e o que fazer
Que de gente como você o
mundo anda cheio
Quem cê tá pensando que é? (x2)

Nessa parte da música a cantora questiona a autoridade de alguém que a acusa de ser "louca" e demonstra cansaço com a invasão constante em sua vida. Esse trecho destaca a prática comum de descreditar mulheres rotulando-as de loucas quando elas expressam insatisfação ou defendem seus limites. Além disso, expressa um desafio às críticas sobre sua aparência e estilo pessoal, reiterando a ideia de que tais julgamentos são irrelevantes e hipócritas. A menção ao "esfolado do meu joelho esquerdo" enfatiza o valor desprezível do crítico em comparação ao que ela representa.

A cantora clama pela união entre as mulheres, reconhecendo que a culpa que muitas carregam é resultado de uma opressão sistêmica. A intenção de "fazer poesia pelo corpo e afrontar as leis que o homem criou" sugere uma rejeição consciente das normas patriarcais e uma celebração da liberdade de expressão e do corpo feminino. E desafia a autoridade de alguém que tenta controlar suas escolhas pessoais, como o uso de batom vermelho e suas amizades. A resposta é clara: pessoas assim são comuns, mas suas opiniões não têm valor. A repetição da pergunta "Quem cê tá pensando que é?" reforça a rejeição das críticas e o fortalecimento da própria identidade.

Em seguida, na estrofe final, a cantora finaliza com os seguintes versos:

Que se usa decote, é **PUTA**
 E se a saia tá curta, é **PUTA**
 Se dá no primeiro encontro, é **PUTA**
 Se raspa o cabelo, é SAPA
 E se deixa crescer os pêlos, é ZUADA
 Se tem pau entre as pernas, é TRAVA
 mas se bota salto alto é SANTA
 Se usa 44, é GORDA
 Se usa 38, é muito MAGRA
 E se sai depois das 23h, vai voltar ARROMBADA
 "Porque ela pediu né? Tava na cara
 Olha a roupa que ela saiu de casa"
 E todo o discurso MACHISTA continua
MENINA, VOCÊ DEVA USAR UMA ROUPA MENOS CURTA.

Essa estrofe aborda de maneira incisiva e crítica as inúmeras expectativas e julgamentos impostos às mulheres com base em suas escolhas pessoais e aparência. Cada linha revela a hipocrisia e a natureza punitiva das normas sociais que perpetuam a misoginia e o preconceito.

Primeiramente, a estrofe destaca como a sexualidade feminina é constantemente policiada e condenada. Usar decote, saias curtas ou ter relações sexuais no primeiro encontro são todos comportamentos que são rapidamente rotulados de maneira pejorativa. A repetição do termo *PUTA* enfatiza a rapidez e a frequência com que as mulheres são julgadas por suas escolhas pessoais. Esta condenação revela a visão restritiva e moralista que a sociedade impõe sobre a expressão sexual das mulheres, limitando sua liberdade e autonomia. Como vimos anteriormente com o caso da Luísa Sonza.

Em seguida, a estrofe aborda os estereótipos e preconceitos relacionados à identidade de gênero e às escolhas estéticas. Mulheres que fogem das normas tradicionais de feminilidade, como raspar o cabelo ou deixar crescer os pelos, são rotuladas negativamente. Ao mesmo tempo, mulheres trans enfrentam estigmas específicos, e a contradição entre ser vista como "santa" ao usar salto alto revela a

incoerência das normas sociais. Esta parte da estrofe expõe como a conformidade com expectativas arbitrárias é exigida, enquanto qualquer desvio é punido com termos depreciativos que vão além da palavra *puta*.

Os padrões de beleza e os julgamentos sobre o corpo feminino são expostos na terceira parte da estrofe. Mulheres são criticadas por serem consideradas "gordas" ou "magras" demais, demonstrando a impossibilidade de atender às expectativas sociais. Além disso, a ideia de que sair tarde da noite resultará em violência sexual culpabiliza a vítima, perpetuando uma mentalidade machista e perigosa. Essa culpabilização transfere a responsabilidade pela violência para a vítima, ignorando os verdadeiros perpetradores e normalizando a agressão com base em comportamentos ou escolhas de vestuário.

Finalmente, a seção termina com uma crítica direta à culpabilização da vítima e à perpetuação do discurso machista. A expressão "Porque ela pediu né? Tava na cara" ilustra como a responsabilidade pela violência é transferida para a vítima com base em sua aparência ou comportamento. A recomendação para usar "uma roupa menos curta" é um exemplo claro de como as normas patriarcais continuam a ser reforçadas, restringindo a liberdade das mulheres. Esse trecho final ressalta a urgência de combater tais discursos que desumanizam e oprimem mulheres, mantendo-as dentro de limites injustos e agressivos.

Percebemos então o poder da língua no seio social, pois certos usos linguísticos direcionados a determinadas pessoas podem ser extremamente prejudiciais. A linguagem não é apenas um meio de comunicação; é também um instrumento de poder que pode reforçar ou desafiar normas sociais e preconceitos enraizados.

Quando analisamos como palavras pejorativas são usadas para controlar e julgar comportamentos, especialmente os das mulheres, vemos claramente o impacto negativo que isso pode ter. Termos como *puta* são frequentemente empregados para descrever mulheres que não se conformam com as expectativas patriarcais de comportamento e aparência. Essas palavras não apenas machucam emocionalmente, mas também perpetuam estereótipos que limitam a liberdade e a autonomia das mulheres. A rotulação rápida e pejorativa de comportamentos como usar decote, saias curtas ou ter relações sexuais no primeiro encontro exemplifica

como a linguagem pode ser utilizada para policiar a sexualidade feminina e restringir suas escolhas pessoais.

Além disso, os estigmas linguísticos não se limitam à sexualidade. Mulheres que optam por não seguir padrões tradicionais de feminilidade, como raspar o cabelo ou deixar os pelos crescerem, são frequentemente rotuladas de maneira negativa. O mesmo ocorre com mulheres trans, que enfrentam termos depreciativos que invalidam suas identidades.

Portanto, é essencial reconhecer e desafiar o uso prejudicial da linguagem que perpetua estereótipos e limita a liberdade das pessoas. A transformação social começa pela mudança na forma como nos comunicamos e como escolhemos as palavras que usamos para descrever e tratar uns aos outros. Somente assim podemos criar uma sociedade mais justa e igualitária, onde a linguagem serve como um meio de empoderamento e respeito mútuo, ao invés de um instrumento de opressão e controle.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, através das nossas análises, entendemos que o uso da palavra *puta* carrega uma conotação violenta e opressora, resultando em um processo de violência linguística, moral e social. A ambiguidade e a sinonímia estão presentes no uso desse termo, variando conforme o contexto social e linguístico. *Put*a também pode funcionar como um adjetivo intensificador em falas cotidianas, embora seja o mesmo item lexical, referindo-se a diferentes significações.

Por meio da análise dos dicionários online, foi possível constatar que *puta* possui uma vasta carga semântica, com significados próximos entre si, funcionando de forma polissêmica. O diferencial nesse uso é a intenção do falante ao escolher este termo. Todavia, a carga semântica que recai sobre este item lexical destaca conotações sexuais e moralistas, enquanto para os homens, os significados são variados e não atacam exclusivamente sua índole.

Entendemos, desta forma, que mulheres são desqualificadas e julgadas ao exercerem sua liberdade sexual, sendo taxadas de *putas*, enquanto os homens frequentemente recebem incentivo para exercer sua sexualidade. As mulheres lutam pela liberdade, e a linguagem é um dos meios que mais podem aprisionar ou libertar. A busca é pela liberdade de ser quem se é, sem ser definida ou limitada por termos que diminuem valor e humanidade. Cada vez que uma mulher é rotulada, chamada de *puta* por simplesmente viver sua vida, é um lembrete doloroso do quanto ainda é necessário lutar para que as mulheres sejam vistas e tratadas como realmente são: seres humanos completos, com direito à sua própria identidade e liberdade.

6 REFERÊNCIAS

- Álvaro, Mirla Cisne. **Feminismo, luta, classe e consciência militante feminista no Brasil** / Mirla Cisne Álvaro. – 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2020.
- LESSA, S. **Abaixo a família monogâmica!**. 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- MEJIA Trujillo, A. Semântica, Pragmática e Tradução. **Revista InterteXto**, v. 5, n. 2, 2012, ISSN 1981-0601.
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**- Notas sobre a Economia política do sexo (1975).
- KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.
- BASSO, Renato Miguel; SOUZA, Luisandro Mendes de. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 22, número 2, p. 528-556, 2020.
- SANTOS, Cezar Alexandre Neri; PIRES, Janina Antonioli; SANTOS, Ademileise de Oliveira. O sexismo em acepções pejorativas em dicionários de português brasileiro. **Entre palavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 390-411, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321- 10esp2119.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. "Putá". Disponível em: <https://www.dicio.com.br/puta/>. Acesso em: 12, abril de 2024.
- PRIBERAM. "Putá". Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/puta>. Acesso em: 12 de abril de 2024.
- "puto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, https://dicionario.priberam.org/puto#google_vignette.
- Oxford Languages. "Putá". Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 12 de abril de 2024.

ETIMOLOGIA da língua portuguesa. Puta. Disponível em: <https://etimologia.com.br/puta/>. Acesso em: 8 abril. 2024.

AFONSO, Mariana Luciano; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão. In: Seminário internacional fazendo gênero 10, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.anais.com.br/seminariointernacionalfazendogenero10/ISSN2179-510X>.